



## AS PULSÕES E SUA RELAÇÃO COM O AMOR

Mary Azuaga Berg de Almeida

Campo Grande, Mato Grosso do Sul, ma.berg@hotmail.com., <https://orcid.org/0009-0009-9542-1150>

O presente artigo visa discutir o conceito de pulsões a partir de Freud. Alguns fatores são importantes para compreender e articular o amor e a psicanálise. O texto analisa a teoria do amor e sua origem no autoerotismo, na fase inicial da vida humana. Algumas questões surgem a respeito do ato de amar e suas implicações para a afirmação da vida. A partir de um recorte autobiográfico, é possível analisar as possibilidades de reconstruir e reconfigurar a dor e o sofrimento durante ao processo de análise.

Palavras-chaves: psicanálise, pulsões, amor, vida.

O tema sobre o amor nos leva, necessariamente, ao estudo das pulsões. Freud define a “pulsão” como um conceito fronteiro entre o anímico e o somático, como representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo que alcança a alma (FREUD, 1915, p. 25). A partir desse conceito, podemos afirmar que a pulsão não tem origem no psíquico, e sim que sua gênese é somática, isto é, a fonte da pulsão é o corpo.

Neste trecho, Freud destaca diversos aspectos relevantes que o conceito de pulsão apresenta: o primeiro, de estar na fronteira entre o mental e o somático; o segundo, de ser representante de estímulos originados internamente ao organismo; o terceiro, da exigência de trabalho que resulta da ligação da mente com o corpo. Este último aspecto da pulsão evoca a ideia de que a ligação da mente com o corpo não é um dado imediato. Não se trata de um elemento inato e sim de algo que exige da mente trabalho e representação; um valioso alerta

para não esquecer os fatores indispensáveis para a articulação e compreensão deste conceito fundamental da psicanálise (Freud, 1987, citado por Silva Neto & Isaac Vilanova).

O autor enumerou e definiu as quatro características da pulsão. A “força” ou “pressão” constitui a própria essência da pulsão e a situa como o motor da atividade psíquica. O “alvo”, isto é, a satisfação, pressupõe a eliminação da excitação na origem da pulsão; esse processo pode comportar “alvos intermediários” ou até fracassos, ilustrados pelas pulsões — chamadas de pulsões “inibidas quanto ao alvo” — que se desviam parcialmente de sua trajetória. O “objeto” da pulsão é o meio de ela atingir seu alvo, e nem sempre lhe está originalmente ligado. (Alfred Adler\*, citado por Freud, havia assinalado isso ao falar do “entrecruzamento das pulsões”: um mesmo objeto pode servir, simultaneamente, para a satisfação de várias pulsões.) Por último, a “fonte” das pulsões é o processo somático, localizado numa parte do corpo ou num órgão, cuja excitação é representada no psiquismo pela pulsão (ROUDINESCO, 220. P.630).

Nadiá Paulo (2004, p. 23), em Teoria do amor na psicanálise, escreve que o amor se origina no autoerotismo (narcisismo primário), primeira forma da sexualidade humana. Nessa fase inicial do desenvolvimento inaugural da vida, as pulsões sexuais se satisfazem no próprio corpo, o EU, nesse momento, mostra-se indiferente ao mundo externo. No entanto, em função das pulsões de autoconservação, o EU acaba entrando em contato com objetos deste mundo e, conseqüentemente, interessando-se por eles. A constituição dos primeiros objetos de interesse é indicada pela libido. Freud escreve que as pulsões sexuais se apoiam, inicialmente, nas pulsões de autoconservação e seguem na busca dos objetos que interessam ao Eu (FREUD, 1915, p. 33). Sobre os objetos externos apresentados ao Eu, enquanto sua fonte de prazer é seu próprio corpo, satisfação autoerótica, são considerados desagradáveis por serem indiferentes a ele. Mas, quando o Eu se interessa por esses objetos externos e estes são prazerosos, são considerados agradáveis.

Em 1920, com a publicação de Mais-além do princípio de prazer\*, Freud instaurou um novo dualismo pulsional, opondo as pulsões de vida às pulsões de morte: a repercussão seria imensa, tanto por seus efeitos no pensamento filosófico do século XX quanto pelas polêmicas e pelas rejeições que essa tese provocaria no próprio âmago do movimento psicanalítico. A particularidade dessa nova elaboração conceitual residiu em seu caráter especulativo, frequentemente denunciado como uma falha redibitória por seus adversários. Todavia, foi a partir da observação da compulsão à repetição\* que Freud pensou em teorizar aquilo a que chamou pulsão de morte. De origem inconsciente e, portanto, difícil de controlar, essa compulsão leva o sujeito a se colocar repetitivamente em situações dolorosas, réplicas de

experiências antigas. Mesmo que não se possa eliminar qualquer vestígio de satisfação libidinal desse processo, o que contribui para torná-lo difícil de observar em estado puro, o simples princípio de prazer não pode explicá-lo (ROUDINESCO, 2020. P.631).

Este trabalho é fruto da minha experiência vivida em um acidente, que, por pouco, não me tirou a vida. Tive o rosto, do lado esquerdo, desfigurado, a carne arrancada e cortada por pedras. No lugar do meu nariz e da minha boca, um buraco assustador se abriu. Tudo isso está documentado no meu livro autobiográfico, que provavelmente será lançado no ano que vem.

Não só permaneci viva para salvar minha filha nesse acidente, como também fiquei consciente para nos salvar. Para que a história seja compreendida, contarei como aconteceu.

Havia oito meses que eu não via meu filho, devido à pandemia da Covid-19. Ele é médico infectologista e, na data do acidente, estava atendendo pacientes suspeitos ou infectados pelo vírus em Botucatu–SP, no hospital da UNESP. A disseminação da doença causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2) nos deixou fora de circulação, trancados em casa e o pior, não sabíamos quando a vida voltaria ao normal.

Diante dessas circunstâncias, decidi viajar para Botucatu de carro com a minha filha. Aluguei um imóvel na área rural para manter o isolamento social. Ficou acordado que meu filho nos visitaria nessa chácara com todos os cuidados necessários à época: máscaras, distanciamento, álcool, gel e tudo mais.

Em Botucatu, na propriedade alugada, combinamos um passeio. No dia 11 de setembro de 2020, saímos pela manhã. Nosso destino seria Três Pedras, região de moções e rochas próximas de onde estávamos. O combinado foi que minha filha, Duda, iria de carro me acompanhando e eu de bicicleta.

Depois de pedalar por 16 km, paramos em um ponto alto para registrar algumas imagens do local. Faltavam apenas três quilômetros para chegar ao sítio chamado Três Pedras. Conversamos, descansei um pouco e disse à Duda:

— Filha faltam apenas 3 km para chegarmos.

Ela respondeu:

— Então vamos.

De repente, estou caída no chão. Tentei me levantar, mas meu braço direito estava quebrado ao meio com movimentos desordenados. Senti como se tivesse sido sugada por um túnel e, logo depois, lançada para fora com muita violência. Meu corpo por alguns instantes, talvez, ficara totalmente perdido num vácuo de tempo e espaço. Uma confusão de

emoções num milésimo de segundo. Levo mais um tempo para compreender novamente. Então, grito:

— EDUARDA, O QUE ESTÁ ACONTECENDO?

Estava jogada no chão, bastante assustada. Levantei completamente desorientada.

Mesmo sem compreender toda aquela situação, eu tinha uma certeza: minha filha precisava de mim. Até aquele momento, eu não tinha a menor ideia do que acontecera com meu corpo segundos antes. Sentia que estava muito machucada pelo desespero da minha filha quando me olhou logo após o acidente.

Tentei ficar em pé e acalmar a Duda. Mas, ela continuou a gritar:

— Mãe, olha o que eu fiz com você.

— Mãe, eu não vou aguentar.

Nunca havia enfrentado por algo tão terrível em toda a minha vida. Além do mais, envolvendo um dos meus filhos. Duda havia atropelado-me num local deserto, sem ninguém que pudesse nos ajudar.

O impossível aconteceu naquele lugar remoto, uma fatalidade. Um acidente. Distante da cidade, sem sinal de celular, no meio de terra, pedras e muito sangue, decidi tomar uma atitude urgente, caso contrário, morreria ali.

Logo que entrei no carro, olhei para espelho e vi meus ferimentos no rosto, cortes profundos. Estava desfigurada. Faltava a metade do meu rosto esquerdo. De imediato, percebi a gravidade dos ferimentos no meu rosto. No lugar do meu olho esquerdo havia um buraco, meu olho não estava ali. Em seguida, olhei para o meu nariz e não havia mais nenhum nariz. Estava completamente destruído. A metade do meu rosto havia se perdido pelo caminho. Paro e penso no desespero da minha filha. Apenas queria acalmá-la, colocá-la no meu colo e dizer: “Está tudo bem!”

Mesmo depois dessa constatação, mantive-me calma. Só tinha uma escolha: Tentar ajuda. Teria que tentarmos juntas, eu acalmando-a e ela tentando dirigir.

— Filha, se acalme. Filha, respira. Filha, olhe para mim, estou bem.

Mas, quando ela me olhava, gritava:

— OLHA O QUE FIZ COM VOCÊ. NÃO VOU AGUENTAR MÃE.

— MÃE, SE VOCÊ DESMAIAR EU ME MATO AQUI!

É preciso muita pulção de vida para darmos conta desse saber da proximidade com a morte. É preciso sublimar seu sofrimento. fazer da dor seu objeto de amor. E mesmo

depois, depois que sabemos que somos seres finitos, é possível apreciar o mar, o pôr-do-sol, os encontros, os amigos, família ou o que quer que te traga prazer de VIVER.

Ao longo da minha recuperação de quase quatro anos, algumas questões sobre minha nova forma de viver e encarar uma realidade que antes do acidente era completamente diferente, ficavam sempre sem respostas. Muitos se diziam surpresos pela maneira que eu enfrentava todas as incertezas. Não me entreguei ao desânimo, não desisti de mim mesma. Pelo contrário: resisti. Meu desejo de cura continuou perseverante e por que não inabalável? Mas minha pergunta era: O que me mantém tão forte e de onde vem tanta vontade de viver?

Uma das minhas saídas para amenizar minha angústia eram minhas sessões de análise. Falava sobre o acidente. revivia. Ruminava meu sofrimento. Quando comecei minhas sessões de análise minha boca mal abria, estava toda costurada por dentro, mal se escutava minha voz, meu rosto do lado esquerdo não se mexia. Mas, mesmo diante dessa situação eu insistia nesse caminho das palavras. Me sentia, na maior parte do tempo, completamente sem rumo. Alguém me escutaria: eu mesma.

Eu que já havia experimentado momentos de crises de pânico, que me achava uma mulher fraca e frágil, fui movida por um amor profundo que me fez continuar viva. Logo eu, que passei uma vida inteira procurando a “paz”, vou encontrá-la ali, no momento mais desesperador da minha vida. Só depois, entendi que esse amor foi O DESEJO DE SALVAR MINHA FILHA.

O que é amar? Amar é querer bem alguém, ter afeição, ter apreço, gostar. Amar tem que estar em ato? Ato de amor. Ato de amar. Não bastam palavras vazias. palavras jogadas na emoção ou disseminadas na ilusão. tem que se viver o amor. O amor tem que ser conhecido, comprovado, demonstrado. Eu acredito que a vida seja feita de amor.

Quinet escreveu que o amor é a afirmação de ser e da vida. Nas situações mais extremas de ameaça ao ser, ou seja, de risco absoluto de deixar de ser, de existir, de not to be, o que se tem? A declaração do amor. A maioria das mensagens de celulares das pessoas nas torres gêmeas do 11 de setembro antes de se atirar pela janela era: I love you! Primeira e última palavra do ser falante (QUINET, 2011, p. 31).

Podemos dizer que a pulsão de vida, conhecida como Eros, é um movimento de amor e tem como objetivo a preservação da vida. Ela está relacionada à busca de satisfação, da sobrevivência, desejo sexual. Uma pulsão é um estímulo que não surge do mundo exterior, não é um impacto momentâneo, mas uma força constante. E como surge dentro do organismo, não se foge dela. Nenhuma ação de fuga funciona. É essa sua ferocidade maior (FREUD, 1915).

Depois de tudo que vivi nesses últimos anos posso afirmar que a pulsão de vida não me deixou morrer. Continuo sem respostas para muitas das questões que foram surgindo ao longo desses últimos anos, mas posso dizer que hoje consigo viver mais feliz, não sem angústia ou sem sofrimento. A vida me foi um presente e como presente não recusei.

## Referências

- FREUD, Sigmund. (1896-1939). *As pulsões e seus destinos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. *Obras incompletas de Sigmund Freud*:2.
- FERREIRA, Nadiá Paulo. *A teoria do amor na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2024.
- ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- QUINET, Antônio. I can get, yes, satisfaction. In: \_\_\_\_\_. *O amor e suas letras*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011. p. 28-32.
- SILVA, Neto; ISAAC, Vilanova. *A teoria das pulsões em Freud e Lacan*. Disponível em [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/2250/1/2009\\_dis\\_IVESNeto.PDF](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/2250/1/2009_dis_IVESNeto.PDF)